



em foco

ENTREVISTA

ISSN 2595-7236

Universidade Federal de Alagoas - Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente

Recebido em: 20/07/2019

Programa de Pós-Graduação em Geografia

Aceito para publicação em: 14/06/2021

ISSN 2595-7236

ENTREVISTA COM A PROFA. DRA. ANA FANI ALESSANDRI CARLOS, DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

Gilcileide Rodrigues da Silva

Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, Brasil

gilsilvaxxi@yahoo.com.br

Entrevista com a Professora Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com Graduação em Geografia pela Universidade de São Paulo, com títulos de Mestrado (1979), Doutorado (1987) e Livre-Docência (2000) em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-Doutorado na Universidade de Paris VII e Paris I. É professora do programa de Pós-graduação em Geografia Humana/FFLCH-USP nos programas de mestrado e doutorado. Foi professora convidada na Universidade de Barcelona (Espanha) na Universidade de Buenos Aires (Argentina) na Universidade de Colômbia -sede Medellin. Atualmente coordena o Grupo de Estudos sobre São Paulo (GESP), e a FFLCH Edições (editora eletrônica do GESP- /DG/FFLCH/USP). É Membro do Núcleo de apoio à Pesquisa da Universidade de São Paulo. Autora e organizadora de vários livros na área de Geografia Humana, sendo o mais recente o livro: “Crise Urbana” (2015) como autora e organizadora. O conteúdo da entrevista versa sobre questões abordadas no livro e a entrevista é conduzida pela Profa. Dra. Gilcileide Rodrigues da Silva da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Profa. Dra. Gilcileide Rodrigues (UFAL): Qual seria a resposta para explicar a cidade e o urbano hoje?

Profa. Dra. Ana Fani (USP): nós vivemos num mundo que é urbano e a explicação desse fato não se refere ao aumento da população urbana nem a superação, nem seu aumento em relação a população rural. O urbano tem por conteúdo a cultura, um modo de vida, uma forma de viver hoje no mundo contemporâneo. Esse urbano que é muito mais amplo do que a cidade, analisada como ordem próxima, materializada na morfologia, num sítio com características específicas. Em seu movimento concretiza-se num tecido urbano se estende ganhando novos significados, que marca os limites do seu processo de expansão, que marcam as funções que ela tem em relação aos espaços mais amplos.

A cidade em sua materialidade contempla determinadas relações sociais que vão dando conteúdo a vida cotidiana aonde se realizam. Da relação entre o indivíduo e o outro

indivíduo num espaço que lhe é próprio que ele usa o sujeito se constitui numa sociedade mais ampla. A cidade é marcada por um conjunto de relações que constituem a identidade do sujeito através dos atos/atividades que o mantém vivo, reproduzindo-se. Essa identidade do indivíduo constituída na cidade, através das mais diversas formas de uso, sustenta a memória.

Numa outra escala, o urbano diz respeito a uma sociedade que se constitui em relações sociais com um modo de vida peculiar, quer dizer tem um modo de vida onde o cotidiano e a vida cotidiana é inteiramente invadida e organizada por relações que dizem respeito a esferas mais amplas - o mundo e a mundialidade, bem como a constituição de uma tendência em direção da qual se move nossa sociedade: aqui refiro-me à sociedade urbana.

O desvendamento da cidade aponta a compreensão do urbano no contexto da constituição da humanidade do homem. Assim pensar a cidade e o urbano é pensar na vida do homem seus desejos e necessidades. Como o homem vive e se reproduz na cidade. E como pensa no seu futuro e daquela da cidade. A questão espacial se coloca no plano da construção do humano na medida em que o ato –atividade de produção do espaço é em si um ato e atividade de produção da vida. A análise urbana ao revelar a reprodução da vida em todos os seus sentidos . Aponta a base aonde se constitui a identidade que é o fundamento da memória uma vez que os homens só realizam sua vida através da apropriação-uso dos lugares criados para a realização da vida, através do corpo e de todos os seus sentidos.

Assim a identidade sustentada pelas ações, atitudes e relações se realiza em todas as escalas espaciais com intensidades diferenciadas , mas na mesma direção - desde a pequena cidade até a metrópole, que se recompõe e que se expressam também no plano mundial, no modo como a gente se veste, no modo como a gente usa a tecnologia, no modo como nós nos comunicamos e que tem um âmbito cada vez maior do que o próprio limite desse espaço habitado concretamente através do corpo, desse entorno com qual nos relacionamos e que tem essa materialidade.

Há uma relação intrínseca entre o processo de produção da humanidade do homem e o processo de produção do espaço ao longo da história (significa dizer que ao construir sua vida, o homem produz um espaço).

Aqui a cidade se revela como obra da história humana constituindo-se a cada momento com particularidades específicas (em suas determinações históricas específicas). Revela a produção como categoria central de análise.

Trata-se aqui de unir cidade e urbano no bojo da constituição de uma sociedade, em tese urbana. Nesse sentido, compreender a cidade e compreender o urbano significa compreender a nossa condição no mundo hoje, onde a cidade é uma porta de entrada importante para que o aluno se situe no mundo de hoje.

O processo de mundialização – abrindo a perspectiva para pensar a sociedade urbana e o espaço mundial em constituição – o mundo se torna urbano, os valores da sociedade urbana vão se constituindo – enquanto ação e projeto, tendencialmente - em todos os lugares (mesmo que como integração-desintegração); transformando-os, deteriorando-os, reformulando-os para atender a nova ordem.

Assim, o desvendamento da cidade aponta a compreensão do urbano no contexto da constituição da humanidade do homem na medida em que pensar a cidade e o urbano é

pensar na vida do homem com seus desejos e necessidades. Como o homem vive e se reproduz na cidade e como pensa no seu futuro e daquela da cidade. A questão espacial se coloca no plano da construção do humano na medida em que o ato – atividade de produção do espaço é em si um ato e atividade de produção da vida.

Profa. Dra. Gilcileide Rodrigues (UFAL): O livro crise urbano, publicado recentemente (em 2015), reúne temáticas relevantes para geografia ...a questão é... por que crise?

se considerar a definição de crise como uma mudança rápida e involuntária, que pode ser favorável ou desfavorável, mas que é sempre difícil e quase sempre dolorosa. Etimologicamente, é o momento da decisão ou do juízo, digamos, o momento decisivo: não é que se decida produzir uma crise, mas é que ela nos obriga a nos decidir, ou decide em nosso lugar (COMTE-SPONVILLE, 2003, p.133).

Profa. Dra. Ana Fani (USP): Se nós formos pensar no plano da história, da constituição da cidade evidentemente nem sempre houve uma crise, quando nós retornamos na história, nós encontramos a cidade como lugar da reunião, a cidade que surge, e que se cria em relação a representações que determinada sociedade constrói do mundo e do seu lugar no mundo, portanto, ao longo da história a cidade vai se constituindo, em cada momento, em função deste modo de pensar o lugar onde as sociedades ocupam na terra transformando-a e transformando-se neste processo. Com o capitalismo temos uma inversão destes papéis, desses conteúdos da cidade, a cidade era o lugar da reunião, do encontro, a cidade aparece na história, no caso da Grécia, como o lugar constitutivo da democracia, exatamente pelo seu poder de reunir. A cidade, em cada momento da história, aparece como a realização de uma determinada sociedade com objetivos diferentes. Sob a égide do capitalismo, a sociedade se estrutura numa relação contratual advinda do papel e importância da propriedade privada da riqueza, de atividades fundadas no processo de valorização. Essa sociedade objetiva a realização dos fundamentos do capital que dizem respeito ao processo de acumulação como aquele de realização do valor sob a forma de lucro, e neste processo repõe constantemente, as suas bases: uma sociedade de classes fundada na apropriação privada da riqueza social; portanto desigual. Este processo se repõe em vários níveis, tanto no nível da vida cotidiana composta pela esfera da vida privada, do trabalho e do lazer quanto se repõe no plano econômico com a continuidade ininterrupta do processo de produção da riqueza e do lucro, e no plano do político que se repõe constantemente como plano da dominação de uma classe de poder sobre a outra e sobre o espaço.

Esses elementos reunidos e articulados são, todavia, contraditórios. Os planos do econômico, político e social se definem por lógicas específicas, o que não exclui as articulações entre econômico e político, já que a classe que detém a riqueza esta associada ao poder criando alianças. Aqui o político e o econômico se fundem e atuam contra o social. Assim as ações nos projetos de transformação da cidade e da vida urbana obedecem à lógica que são estranhas a sociedade. E mais do que isso, se contrapõem a seus objetivos posto que a construção dos espaços visam a realização do processo de

acumulação e não da realização da vida em sua plenitude.

A vida cotidiana (e os níveis do infra-cotidiano) revela que a ordem capitalista ao se desenvolver reproduz continuamente os elementos indispensáveis a sua manutenção engendrando a metrópole fragmentada pela propriedade privada do solo urbano (não sem contradições) que produz favelas, condomínios fechados, guetos de todos os tipos, acentuando a segregação, a atomização das pessoas pela desagregação da vida de relações fundadas na sociabilidade com a implosão dos referenciais urbanos, eclipse dos espaços públicos da reunião e do encontro (em espaços visto como improdutivos) degradação do trabalho enquanto atividade humana, bem como dos lugares de trabalho, cooptação do tempo do lazer ao mundo da mercadoria. Revelando neste processo o desenvolvimento do mundo da mercadoria que torna o próprio espaço uma mercadoria essencial à realização da acumulação sob a égide do Estado – através das políticas públicas, das intervenções no espaço da vida, criando transformações que fazem emergir a contradição entre valor de uso e valor de troca dos lugares da cidade.

O capital cria suas próprias condições de reprodução o que nos coloca diante da produção de um novo espaço, de novas relações sociais, de uma nova relação entre o político e o econômico, entre o estado e o espaço; entre o político que invade com suas normas leis em instituições burocratizadas a vida cotidiana. O momento atual é aquela da ampliação do mercado mundial do processo de reprodução capitalista, da redefinição das centralidades, envolvendo todo o espaço. O capital se apodera de toda a sociedade fazendo com que todas as necessidades se tornem necessidades da sociedade.

Neste caminho nos defrontamos com a deterioração dos processos de trabalho e do próprio trabalho como conteúdo das atividades humanas posto que subsumido ao processo de valorização - o trabalho esvaziado de conteúdo deteriora as relações sociais enquanto o aumento do trabalho temporário penetra nossa sociedade de forma, cada vez mais, forte flexibilizando contratos de trabalho, precarizando-o.

A deterioração da paisagem urbana visto que o mercado imobiliário determina as formas de ocupação do espaço urbano expulsando para a periferia a parcela da sociedade que não pode pagar pelo preço do solo urbano. A paisagem urbana se transforma com as novas relações econômicas aonde as mudanças morfológicas, cada vez mais, profundas encolhem os espaços públicos e com eles, o exercício da esfera pública. Portanto, um modo de planejar a cidade e direcioná-las políticas públicas, é que vai permitir que cada vez mais, a função econômica da cidade se realize sem barreiras e que o espaço possa ser o lugar da reprodução do capital. Certamente esta ação se realiza em detrimento do modo como a sociedade se apropria desses espaços.

Trata-se aqui da produção de uma cidade aonde os usos e suas possibilidades se deterioram e os espaços públicos estão, cada vez mais, restritos a normatização e a vigilância. Esse processo de produção do urbano é violento, ele promove a expulsão das pessoas, porque tira as pessoas de seu lugar, porque explode a centralidade que é a possibilidade sempre acrescida das pessoas se encontrarem para viver conjuntamente as/nas cidades.

A sociabilidade da cidade ela própria se esvazia, as relações de vizinhança implodem. A cidade aparece para o cidadão como uma potência estranha, essa potência estranha atualiza os conteúdos da alienação. A cidade é uma produção social, mais a sua apropriação é privada; essa contradição está no cerne do que nós estamos chamando de

crise urbana vivida no plano da vida cotidiana. Então ela não é uma crise que apareça fora do indivíduo é uma crise que se representa como estranhamento, que se representa na privação da vida na cidade (de qualquer tamanho e não só na metrópole) e nesse sentido se configura uma crise que se coloca e se vive ainda de forma diferenciada em função da escala, mas que tá posta a toda a sociedade.

Essas observações vão dando os contornos de uma crise urbana que é, em essência, social, e que tem uma dimensão espacial; uma crise urbana que se constitui elevando barreiras que reorientam os usos na cidade. Assim se atualiza a alienação no mundo moderno: a cidade obra civilizatória é apropriada privadamente em função do lugar que cada cidadão ocupa na constituição da sociedade de classes. Assim, a cidade obra social e histórica, se confronta com a sociedade, produtora da cidade.

O que se coloca para o debate é a necessidade de refletir sobre as contradições que estão postas no mundo moderno e que emergem com toda sua força na metrópole. A crise da cidade é mundial num quadro em que a crise do regime fordista, a emergência do regime de acumulação flexível, acentua e produz novas contradições. A crise produz a negação da cidade e da vida na cidade está, por sua vez fundamenta o discurso ambientalista – naturalizando as relações sociais. A existência da crise produz um projeto e um discurso anti-cidade. Mas, a crise é, na verdade, um produto do desenvolvimento do capital, da organização industrial, aquela das empresas e da racionalidade técnica; resulta de uma ordem, de uma racionalidade real.

Profa. Dra. Gilcileide Rodrigues (UFAL): você afirma no livro que: desvendar o mundo a partir do espaço é a tarefa da Geografia, por que?

Profa. Dra. Ana Fani (USP): Porque cabe a Geografia, no campo das ciências humanas, pensar o espaço. Milton Santos já expressou em vários momentos o fato de que cabe a geografia pensar o espaço. Há, no plano das ciências humanas uma divisão da realidade, essa divisão traz imensos problemas porque a geografia, a sociologia, a história, a arquitetura que tem a cidade também como um objeto de reflexão constituem-se enquanto conhecimento, apostando na análise diferenciada, o que vem rompendo com a totalidade do fenômeno urbano e fragmentando a realidade urbana.

Portanto, se do ponto de vista do objeto coube a Geografia pensar essa cidade na sua dimensão espacial, este fato não quer dizer que seja possível pensar o espaço como totalidade. Mas aponta que a análise da cidade e do urbano tem por conteúdo, uma problemática que se constitui como espacial.

Para pensar a cidade estamos obrigados a pensar numa perspectiva de totalidade. Quando nós pensamos, o espaço da Geografia como aquele da distribuição das atividades nós nos aproximamos da possibilidade de entender a cidade enquanto quadro de vida, apenas. Quando nós pensamos a cidade do ponto de vista da produção a cidade, de uma produção social, da produção vinculada às necessidades e aos desejos de uma sociedade nós os aproximamos de uma perspectiva capaz de pensar a cidade em sua totalidade.

No meu ponto de vista, pensar produção do espaço como condição, meio e produto da realização da sociedade nos abre o caminho de pensar a cidade numa totalidade. A

totalidade nos coloca o desafio de entender a sociedade contemporânea em suas dimensões mais amplas, fundamentalmente nos coloca diante do fato de que não existe nenhuma sociedade que se realize fora de um espaço apropriado de um espaço produzido. Logo a produção do espaço de vida é imanente à produção da vida e da humanidade do homem.

Nesse sentido, a Geografia ganha potência para pensar o mundo moderno, porque este tem uma dimensão espacial e material real, aonde se realiza. Logo a dimensão da mundialização – uma tendência no mundo moderno - só pode realizar-se no âmbito local, aquele da vida cotidiana no âmbito do lugar como articulação, necessária de escalas. A contemporaneidade permite-nos pensar numa nova relação espaço temporal, onde em sua indissociabilidade podemos caracterizar este tempo como aquela do fluxo e da velocidade – tornado abstrato – e do espaço enquanto amenésico – aonde o mundo da abstração produz o espaço da não-referência, ou melhor da implosão dos referenciais.

Desta feita, pensar a cidade na perspectiva de sua produção social e histórica amplia a potência explicativa do mundo a partir da Geografia.

Como o processo de reprodução ampliada do capital se realiza, hoje, através do espaço, este assume uma importância maior na contemporaneidade e a Geografia pode assumir essa tarefa desde que ela não se prenda ao plano fenomênico, desde que ela não se preocupe apenas com um fragmento da realidade isolada de seu conjunto.

Profa. Dra. Gilcileide Rodrigues (UFAL): O que é a metageografia?

Profa. Dra. Ana Fani (USP): Na geografia, em meio a um cenário de crise é possível pensar num caminho em que o pensamento crítico – que tende a esterilizar-se - possa gerar outra possibilidade, aquele de construção de uma “metageografia”.

A metageografia se coloca como uma perspectiva teórico-metodológica, através da qual, é possível compreender o mundo em que nós vivemos, em sua totalidade. Esse caminho se faz através do método que compreende o mundo através da centralidade da noção de “produção do espaço”. A metageografia como caminho para a compreensão do urbano sob o capital financeiro apresenta dois planos de análise: a) no plano da teoria partimos da tese segundo a qual as relações sociais se realizam enquanto relações espaço-temporais assinalando a necessidade de desvendar as relações sociedade e espaço, dialeticamente focando a produção social do espaço; b) no plano da realidade urbana partimos da tese segunda a qual a acumulação do capital hoje se realiza, prioritariamente, através da reprodução do espaço urbano, tendo como foco de investigação o caso de São Paulo, Brasil. Portanto a metageografia se coloca como hipótese de investigação. Não se trata de outra Geografia, mas a busca dos fundamentos da dinâmica contraditória do mundo através da compreensão da produção/reprodução do espaço.

Nesse sentido, a metageografia tenta superar as divisões que esfacelam a geografia em N geografias, e aponta a importância do espaço, como uma dimensão social. Neste caminho, o social não significa o fato de que a sociedade estar/localizar-se “sobre o espaço” mais significa o fato que a sociedade produziu esse espaço, e na medida em que ela produziu esse espaço tem a cara, os sentidos e os conteúdos da sociedade que a produziu, como

sujeito histórico.

Portanto, esse espaço produzido traz as contradições dessa sociedade por isso que os conflitos hoje aparecem na cidade como lutas pelo urbano, pela cidade, pela vida na cidade. Logo a metageografia traz outra perspectiva teórico-metodológica. Nesse sentido, ultrapassa o plano da epistemologia - que encerra a análise do mundo e sua compreensão ao plano do nível do pensamento (que foi uma grande preocupação da Geografia ao longo do tempo principalmente depois dos anos 1970) para focar a relação dialética teoria-prática superando a fragmentação do conhecimento.

A noção de produção do espaço articularia o espaço com o pensamento teórico e o espaço na sua dimensão prática que é a dimensão de lugar, da vida cotidiana. A metageografia é a crítica da Geografia que nós fazemos. E porque nós fazemos uma crítica dessa Geografia, nós podemos superar essa Geografia que se faz. Há um debate sobre o espaço, superando o espaço como localização e como distribuição, insuficientes para pensar o mundo moderno. Esse movimento que a metageografia pretende fazer.

Profa. Dra. Gilcileide Rodrigues (UFAL): O materialismo histórico foi o caminho, ou abriu portas para pensar o estatuto epistemológico da Geografia e sua prática social?

Profa. Dra. Ana Fani (USP): O materialismo histórico abriu as portas para pensar a Geografia numa outra dimensão, superando a ideia do espaço palco da atividade humana e como localização para pensa-lo como produção social e histórica, o que abriu uma perspectiva incomensurável. A noção de população pode ser superada pela aquela de sociedade iluminando sua condição de sujeito histórico e do espaço como sua produção. Desta se localizou a noção de trabalho deslocando o debate do espaço, para pensar o modo como essa sociedade ao se relacionar com a natureza produziu o espaço.

Neste caminho se ilumina a história como processo constitutivo da humanidade do homem em suas contradições, localizando o capitalismo como um de seus momentos contraditórios. Mas, ao mesmo tempo e contraditoriamente muito desse debate se prendeu ao plano da epistemologia, portanto ao plano do conceito e ao plano do método fechados em si próprio o que deixou um pouco de lado a relação entre o plano epistemológico e o plano da prática social enfraquecendo a potência da Geografia de pensar o mundo e contribuir a construção de um projeto de mudança social. Assim, depois de descobrir o espaço como produto social que no capitalismo se transforma em mercadoria, a Geografia tomou majoritariamente outro rumo.

Profa. Dra. Gilcileide Rodrigues (UFAL): Obrigada professora Ana Fani Alessandri Carlos.